

CONTOS E POEMAS

TEMPO de Amar

VOL. VIII

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-86781-7

2023

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

AQUI, POR CRISINHASAN, PÁG. 05
MOMENTO PARA GUARDAR EM UM POTINHO, POR CRISINHASAN, PÁG. 07
(RE)ENCONTRO, POR CRISINHASAN, PÁG. 09
VERBO SABER CONJUGADO POR DOIS, POR CRISINHASAN, PÁG. 11
LAÇOS ETÉREOS, POR DANIELA BLOC, PÁG. 13
SER, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 15
NA PESTANA DA VIOLA, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 17
PERFUME DO SEU DIA, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 21
BECO DO MOTA, POR DÉCIO ARAÚJO FILHO, PÁG. 23
LÁGRIMAS DE REENCONTRO, POR EDMAR VENTUR, PÁG. 28
ME PERDOE, POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE, PÁG. 31
O PORVIR, POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE, PÁG. 33
LEITO DE FLORES, POR LUXOR KRON, PÁG. 35
CONTO A LUA MINGUANTE, POR M. AMBROSINI, PÁG. 37
NEM PRÍNCIPE NEM HERÓI, POR MARTA MAGNUSSON SOLYSZKO, PÁG. 42
DE AMOR TAMBÉM SE MORRE, POR MARTA MAGNUSSON SOLYSZKO, PÁG. 44
LÁGRIMAS DA CHUVA, POR ROSAMARES DA MAIA, PÁG. 47
CAXINGUELÊ, POR ROSAMARES DA MAIA, PÁG. 49
MAIS UMA VEZ, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 51
NO TEU DIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 53
NOSSA HISTÓRIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 55
PENSAR E REPENSAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 57
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 59

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

CONTOS E POEMAS

TEMPO

de Amar





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Aqui

Por CrisinhaSan

Fascinada por estudar, conhecer pessoas, novos lugares e aprender coisas novas sobre os mais diversos assuntos. Apaixonada pela simplicidade da vida e conversas com gente descomplicada. Cientista de carreira que encontrou na escrita literária sua forma de expressão, liberdade e conexão com Deus.



Pronto.

Sozinha aqui
a criança já dormiu
escondi a chave lá no portão

Entra.

Chega quietinho
vem para debaixo das cobertas
e deita de conchinha comigo

Vem cá.

Me encaixa em seu corpo
E beija meu ombro, minha orelha
Minhas costas

Fica aqui.

Enquanto sua mão reconhece meu corpo
E nós dois nos movimentamos
De vagar

É...

Foi isso que sonhei ontem ainda acordada.
Só não me deixa mais uma noite
Sozinha
Aqui.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Momento para guardar em um potinho

Por CrisinhaSan

Fascinada por estudar, conhecer pessoas, novos lugares e aprender coisas novas sobre os mais diversos assuntos. Apaixonada pela simplicidade da vida e conversas com gente descomplicada. Cientista de carreira que encontrou na escrita literária sua forma de expressão, liberdade e conexão com Deus.

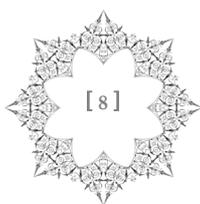


Ali estou eu, congelada nesse momento
Na curva da escada que leva ao seu apartamento
A boca não consegue conter o sorriso, o coração bate acelerado
Ouço as chaves na porta, sei que está ali do outro lado

Ali estou, nessa foto eternizada
Expectativa, já anunciei minha chegada
Respiração rápida, felicidade não cabe no peito
Em cinco segundos tudo estará perfeito

Ali estou, não existe nada antes nem depois
38 passos e 28 degraus já foram, vou pulando de dois em dois
Tão perto de em você me perder
E o que está para acontecer, já consigo antever

Ali estou, cabeça trabalhando a milhão
Tudo, tudo que sonhei, vai sair da imaginação
Coração já conectado em nosso abraço apertado
É tão bom te encontrar de novo, Lindão amado.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

(Re)Encontro

Por CrisinhaSan

Fascinada por estudar, conhecer pessoas, novos lugares e aprender coisas novas sobre os mais diversos assuntos. Apaixonada pela simplicidade da vida e conversas com gente descomplicada. Cientista de carreira que encontrou na escrita literária sua forma de expressão, liberdade e conexão com Deus.

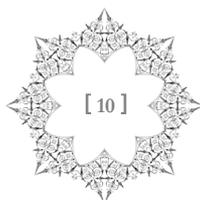


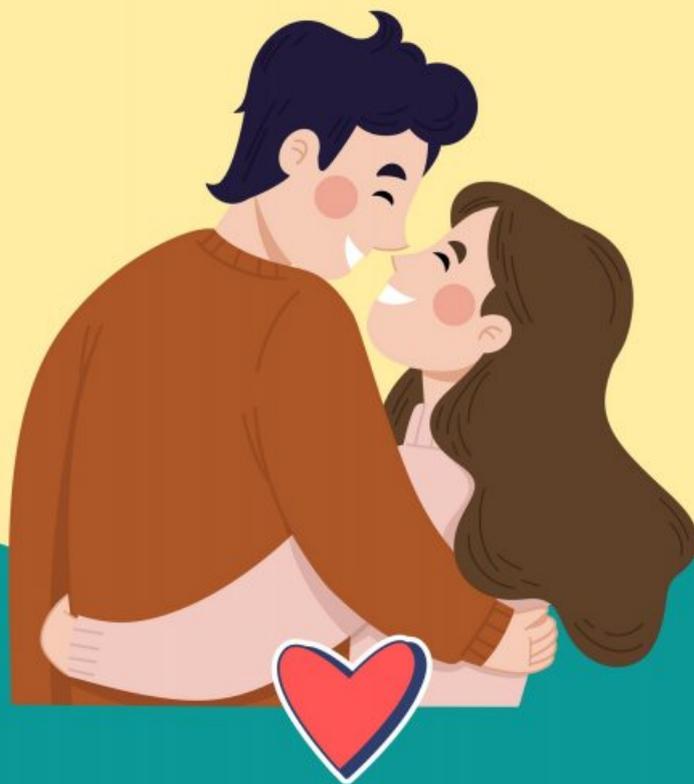
É uma dança
Eu te amo, você me ama
Eu te espelho, você me espelha
Estou vulnerável, você está vulnerável
Tenho medo, você tem medo
Eu resisto, você resistente muito mais
Assusta muito, eu sei

Esse amor já tomou vida própria
Se retroalimenta
Não temos opção
Nem noção do tamanho disso
Só temos duas escolhas
Ficar sofrendo ou aproveitando o processo
Vai além desta experiência do corpo

É um encontro de almas conhecidas
Almas separadas a muito
Que sentiam muita falta uma da outra
Que conhecem a finitude
Aproveitam cada segundo
É além
É maior que nós dois aqui e agora

Mas quer saber?
Desde que você esteja do outro lado
Segurando minha mão
Minha cabeça esteja no seu peito
Nossas testas encostadas
Ou as pernas enroscadas
Escolho bailar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Verbo Saber conjugado por dois

Por CrisinhaSan

Fascinada por estudar, conhecer pessoas, novos lugares e aprender coisas novas sobre os mais diversos assuntos. Apaixonada pela simplicidade da vida e conversas com gente descomplicada. Cientista de carreira que encontrou na escrita literária sua forma de expressão, liberdade e conexão com Deus.



Eu SEI! Eu SEI!

Essa sua e essa minha metade

Vivendo nessa dualidade

Dois inteiros errantes

Dois universos pulsantes

E eu SEI! Tu SABES!

Que sensação boa essa

Tua ventania meu corpo atravessa

Alguém como você gosta de alguém como eu

Corpo e mente meus passaram a ser só seu

Tu SABES! E eu SEI!

És terra, chão, firmamento

Sou tempestade, ar, vento

Terremoto e furacão

Verdadeira montanha russa de emoção

Tu SABES! Tu SABES

Conheceste minha escuridão

E me devolveu amor e compreensão

E esse sentir, não consigo conter

Que sensação maravilhosa essa do verbo saber





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Laços Etéreos

Por Daniela Bloc

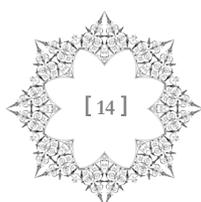
Daniela Bloc é formada em Direito pela UFC, mas sempre atuou na área da educação. Tem especialização em Psicopedagogia pela Unichristus Professora e revisora literária há mais de 30 anos. É membro de vários círculos literários locais como o "Somos poetisas" e a "Sociedade das poetisas vivas". Tem um livro infantil publicado pela Imeph sem custo, aprovada numa seleção o lado de autores de renome como Walcyr Carrasco. Tem participações em jornais, revistas e antologias nacionais e internacionais, como a revista Itaytera, a coletânea Poetize 2023, Acadêmicos da ALAF e convidados 2022 e nas coletâneas internacionais vozes Portuguesas 8, 9 e 10, dentre outras; é membro fundadora do American Academic Circle. Recebeu o título de Chanceler Honorário das Artes em Londres. Foi reconhecida pela NALAP e pela LITERARTE como artista destaque de 2023. Vencedora de vários concursos literários de pequeno porte, classificada em décimo quinto lugar no concurso de âmbito nacional Poetize 2023. Tem obras poéticas expostas em vários locais do Brasil, como cafeterias, hotéis, restaurantes, murais etc.

Tempos líquidos
De liames frágeis
De sentimentos volúveis
De amores voláteis
Irmandades que se esvaem
À menor discordância

Num movimento
O cancelamento ali é dado
E todo zelo é descartado
E tanto nobre sentimento
Vira em segundos
Em um momento
Distanciamento inusitado

Eu não me adequo
Comigo quero o que for rocha
Amor em flor que desabrocha
Estabilidade e solidez
Firmeza e muita sensatez

E o que for incerto
O que for frágil e irreal
O que for superficial
Que de mim tome distância
Passe bem longe a inconstância
E os que não sabem me ver bem





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Ser

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho nasceu em Santa Luzia, MG, em 08/10/1957. Poeta e contista é o autor das obras poéticas: “Embora di puisia”, “Balaio de versos” e “Poemas de cada esquina”. Integrou a “Antologia 1001 Poetas Contemporâneos”, promovido pela Casa Brasileira de Livros, prefaciou a obra “Uma luz sobre o suicídio”, autoria de Lílian Ramires e Mônica Baêta e atuou como Jurado na Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, realizado em Itaobim, MG, neste ano de 2023.

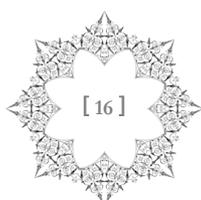


Ah! Se ainda eu não sou o que amanhã serei
Serei união do ontem que fui com o que sou,
E este ser ou não ser que serei e ainda não sou
Será fruto da ânsia de ser o que amanhã serei.

Quando ontem busquei ser o ser que hoje eu sou
Tudo que fui aninhou-se ao ser que hoje seria,
E nesse ser e não ser que no amanhã viria
Gestaram-se as bases do que eu seria, e sou!

Ser, não ser, vir a ser, diz o poeta: eis a questão!
E o Ser que jamais serei me ofertou a solução:
Sempre ser e não ser; e vir e ir para ser o que sou.

De ser em ser, de não a não ser, sei que o ser será
Por evolução, o ser que sei qu'inda não sou e virá
Mercê do Ser que jamais serei... a paz pelo ser que já sou.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Na pestana da viola

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho nasceu em Santa Luzia, MG, em 08/10/1957. Poeta e contista é o autor das obras poéticas: “Emborná di puisia”, “Balaio de versos” e “Poemas de cada esquina”. Integrou a “Antologia 1001 Poetas Contemporâneos”, promovido pela Casa Brasileira de Livros, prefaciou a obra “Uma luz sobre o suicídio”, autoria de Lílian Ramires e Mônica Baêta e atuou como Jurado na Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, realizado em Itaobim, MG, neste ano de 2023.



Na pestana da viola
Sete fitas eu amarrei,
Iguais à rabiola
Da pipa que arribei.
Voando lá nas lonjuras
No céu que sempre sonhei.

Cada fita, cada tom
Como arco íris no céu
E a aba do meu chapéu
Enfeitada de crepom.
A bailar quando a viola
Geme e vibra o seu som.

Tem a minha viola caipira
Dez cordas, assim em par,
Fortes como pau de embira
Com sete fitas a balançar.
Em todas lá te encontro,
Impossível ocultar.

Cada qual vai me lembrar
Dos encantos de você,
Menina do meu sofrer
E dona do meu luar.
Se chegue ao seu querer,
Muito além deste violar.

No calor do seu sorriso
Brota lume na escuridão,
Da fita amarela preciso
Dela não abro mão.

É sol na madrugada,
Raiando no meu sertão.

Fita rosa tem o cheiro
Dos lírios daquele vale,
Nos braços deste violeiro
Se acomode e se embale.

Apeia da dor e venha,
Neste peito se agasalhe.

O negrume do seu olhar
Brotando das suas retinas,
Como duas belas meninas
Enfeitando meu cantar.
Na fita preta há um laço,
Impossível desatar.

No ninho dos seus braços
Amorenados como a terra,
A fita canela encerra
O seu cio em abraços.
Como andante violeiro,
Asilo-me nesse regaço.

Cor do céu e do seu mar,
Floreia meu interno jardim,
Pela azul do seu banhar
Na minha alma, enfim.
A viola toca os encantos,
Meu peito chora, por fim.

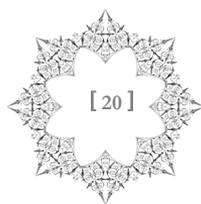
Da floresta que margeia
O rio que ainda não vi,

Onde vive a bela sereia
Trago a verde em frenesi.
O viço das suas serras
Fica pintado aqui.

O corpo da viola abraço
Como enlaço sua cintura,
Essa fonte de água pura
Onde nado e me desfaço.
A cor carmim são os desejos
Da sua fita em meu laço.

Pela boca da viola
Saem lamentos, meus ais,
Fogem gritos desta alma
No rumo dos seus arraiais.
Sementes dos seus beijos,
Cultive nos meus quintais.

Na pestana da viola
Sete fitas eu amarrei,
Iguais à rabiola
Da pipa que arribei.
Voando ao seu encontro,
O céu que agora encontrei.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Perfume do seu dia

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho nasceu em Santa Luzia, MG, em 08/10/1957. Poeta e contista é o autor das obras poéticas: “Emborná di puisia”, “Balaio de versos” e “Poemas de cada esquina”. Integrou a “Antologia 1001 Poetas Contemporâneos”, promovido pela Casa Brasileira de Livros, prefaciou a obra “Uma luz sobre o suicídio”, autoria de Lílian Ramires e Mônica Baêta e atuou como Jurado na Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, realizado em Itaobim, MG, neste ano de 2023.

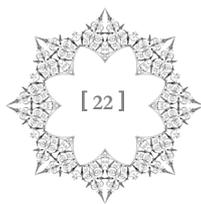


Que seu dia seja perfumado
E lambuzado de alegria,
Seja canto de poesia
Da passarada em algazarra
Pela manhã do seu sertão,
Com o carinho imaginado
Na singeleza desta canção.

Que seu dia seja suado
E pleno com seus amores,
Seja quente como os ardores
Do abraço terno da areia
Na tarde baiana do seu mar ,
Afastando tantos temores
Das suas trevas, sem luar.

Que seu dia seja festivo
E de cores em profusão,
Como as lavas do vulcão
Que se derramam de ti
Vibrando onde estiver,
Dando cor às noites indormidas
E aos seus sonhos de mulher.

Que seu dia seja luar
E madrugada de encantos,
Em cascata de ternura e cantos
Como o silêncio abandonado
No peito deste trovador,
Eu que somente sei rimar
A minha vida com o seu amor.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Beco do Mota

Por Décio Araújo Filho

Décio Araújo Filho nasceu em Santa Luzia, MG, em 08/10/1957. Poeta e contista é o autor das obras poéticas: “Embora di puisia”, “Balaio de versos” e “Poemas de cada esquina”. Integrou a “Antologia 1001 Poetas Contemporâneos”, promovido pela Casa Brasileira de Livros, prefaciou a obra “Uma luz sobre o suicídio”, autoria de Lílian Ramires e Mônica Baêta e atuou como Jurado na Noite Literária do 38º FESTIVALE - Festival da Cultura e Artes do Vale do Jequitinhonha, realizado em Itaobim, MG, neste ano de 2023.



Eis que em um domingo
Vi-me na praça da catedral,
Encontro enxurrada de gente
Sob um sol inclemente, a
Cantar, declamar, tocar, dançar;
Enfim, viver alegremente, pois,
Na vida é importante festejar.
Permiti-me então matutar
Qual seria o santo do dia
Merecedor daquela folia,
Cantoria e poesia no tal lugar?
Gritei: qual o santo da festa?
- Esta festa não tem religião,
Aqui é o Beco do Mota,
Onde a cultura é o estandarte
De tão formosa armação;
Terra de encontros e abraços,
Onde o amar tece seus laços
Pela arte de fraternizar,
Gerando vida em sinfonias.
Aqui as portas, janelas e esquinas
Exalam cheiros de moças meninas
Com cultura e ricas orgias
Para Diamantina se deleitar.
Ante tão linda afirmação
Empolguei-me por inteiro e
Como bom mineiro,
Entrei matreiro na matrifuzia
Com toda empolgação.
Saudei sanfoneiros e violeiros
E o tal do Zé do pandeiro,
Fanfarrão, que batia o instrumento

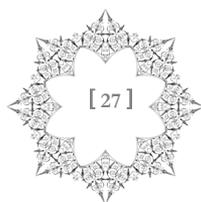
Para formosa morena sambar;
Lá da praça da catedral,
Em procissão, os congadeiros
Desciam paramentados
Cantando hinos de louvor
Ao orixá e santo de devoção;
O surdo dos seus tambores
Com as batidas no calçado
Lembrando zurzir dos cascos
Das antigas cavalgadas
Guiadas por tantos tropeiros
Que pelo chão daquele beco
Até o fim de cada roteiro,
No belo Velho Mercado,
Hoje afamado,
Recanto de violeiros.

Pelas esquinas, seresteiros,
Prezando em afinação,
Entoavam canções amorosas
Escoltadas no seu fanal
Por orquestra de flautas,
Cavaquinhos, clarinetas, violão;
Poetas e poetisas declamavam,
Com sutil inspiração,
Seus poemas, belas poesias,
Além de trovas sem censuras
Superando as dores, agruras,
Do alto de altar surreal,
Nas pedras das escadarias,
Nos cafés e livrarias
Daquele beco de integração,
Das artes, que por sinal,

Sobrevivem por teimosia.
Pintores expunham os quadros
Nas fachadas e muros pintados
Com tinta de mausoléu,
O artesanato na calçada,
Sempre ilustre sucursal
Da mais encantada galeria
Já vista abaixo do céu.

Litigavam com arte e graça
Sob um sol de afogear
Moleira de qualquer cristão,
Com versos de bela criação
Repentistas de várias paragens
Troçando com suas mensagens
Forjadas em rimas sertanejas
Seus parceiros, outros violeiros,
Em duelos de zoação.
Quem as recebia, devolvia
Novos versos de pilhérias
Em que se riam das misérias
Do rival, repentista precursor;
Assim nesse molejo ia o dia
Entre amigos, cachaça e folias
Entremeados de belas poesias
Até o surgir no zimbório estrelas,
Quando luzentes ao luar seguiam
Cada qual para o seu chão.
No meio daquele mundo novo
Mostra cultural daquele povo,
Vi-me açoitado pela vontade
De lá ficar um pouco mais
E me envolver com a poesia

Daquela inesquecível fatia
Das nossas Minas Gerais.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Lágrimas de reencontro

Por Edmar Ventur

Mineiro de Bom Sucesso, casado, pai de duas filhas. Engenheiro mecânico, especializado em gerenciamento de projeto, e teólogo. Escreve contos e poesias desde 2017. Em 2020 teve o conto de ficção "A Herança de Telus" publicado na 1ª edição da antologia "Infinito – Encontros Inesperados" (e-book do Studio Coverge); em 2023 teve o conto "Pavor em Harmonia" publicado na coletânea Novo Sci-fi (editora digital Obook) e, também em 2023, o conto "Recomeço" escolhido para compor livro digital como resultado do concurso VOA UniSER/UnB - Prêmio Literário para a Maturidade 2022.



Entrei e olhei para cima. Brilhante como um grande diamante, o lustre suspenso no teto chamava a atenção dos que transitavam pela grande central de transporte. Era o dia 08 de junho de 2127. Sentei-me em uma das muitas poltronas disponíveis e fiquei escutando o som ambiente enquanto aguardava a chegada dela.

Lembrei da primeira vez que a vi...

Era primavera. Caminhava pelo parque sentindo o doce perfume das flores e ouvindo o agradável som das folhas movidas pelo vento suave. Sensação única de paz e harmonia. Aproveitava minhas férias na Terra quando, de repente, olhei para a mulher sentada na grama com seus cabelos esvoaçados pela brisa e parei fixando o olhar. Era a mais bela moça que já vira em minha vida. Ela me notou e deu um sorriso suave e cativante. Fez um sinal para me aproximar. Ao me sentar ouvi a frase que nunca saiu de minha cabeça: “Eu estava te esperando!”.

Fui chamado à realidade pela voz dizendo para os passageiros com destino à Ganimedes se apresentarem no portão 10. Após o esvaziamento do salão voltei às minhas recordações...

Seu jeito carinhoso, inteligente e altivo me conquistara. Ela era diferente das outras mulheres. Eu estava totalmente apaixonado. Ao som da música puxei delicadamente seu corpo para junto do meu e começamos a dançar de forma aconchegante. Havia uma entrega confiante, uma sintonia mágica. Parecia que tínhamos sido feitos um para o outro. Ao fim da dança fomos para a sacada. Ficamos abraçados apreciando as ondas baterem nos rochedos enquanto o reflexo das estrelas no mar dava um toque a mais de romance. Passamos um longo tempo nos olhando. Aqueles olhos castanhos. Nos beijamos à luz do universo. Parecia que o tempo se eternizara.

A lágrima que correu pelo meu rosto trouxe-me, mais uma vez, de volta ao presente. Por que eu não tinha ficado com ela na Terra? Era a pergunta que eu nunca tinha conseguido responder. E as memórias voltaram com força...

No espaçoporto, antes de embarcar de volta para o trabalho em Marte, fizemos nossa despedida com intermináveis juras de amor. Falávamos todos os dias. Meses de conversas de vídeo. Planos feitos. Preparativos para o casamento. A falta que sentíamos um do outro. A espera ansiosa pelo reencontro.

A última videochamada que recebi eu ainda estava no hospital me recuperando dos ferimentos sofridos pela explosão de um tanque de combustível da base de foguetes no

mês anterior. Ela falou da morte de sua mãe, sua tristeza e solidão. Foi uma conversa sofrida. Queria levantar da cama e ir ao seu encontro. Mas estava ferido e ainda não conseguia andar.

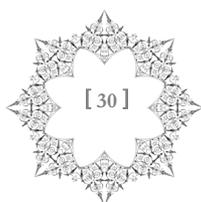
E naquele fatídico final de 2126 o desastre tão anunciado aconteceu. Um asteroide de aproximadamente 50 metros atingiu o continente asiático destruindo imediatamente uma grande região do planeta. Os terremotos, tsunamis e erupções vulcânicas que se espalharam por todo o globo completaram a destruição. Desolação. Sofrimento. Morte. Dias de luto e desespero. Escuridão. Procurei-a, desesperadamente, pelos canais sociais e governamentais, sem sucesso. A perda do amor de minha vida. A falta de sentido para continuar vivendo.

Fiquei extasiado quando descobri que ela sobrevivera e estava hospitalizada. Conseguimos nos falar dois meses depois da calamidade. Novamente voltamos a fazer planos e decidimos que ela viria para Marte. Finalmente voltaria a ter minha amada nos braços.

Outra vez fui acordado de minhas lembranças pelo anúncio da chegada dos passageiros vindos da Terra. Estava nervoso.

Fiquei observando as pessoas. De longe a avistei. Meu coração palpitou mais forte e lágrimas correram pelo meu rosto. Ela veio em minha direção. O terninho azul caia bem em seu corpo esguio. Elegante como sempre. Fui ao seu encontro. Seus cabelos continuavam lindos. Seu olhar, contudo, brilhava de uma forma diferente. Testemunho dos muitos sofrimentos vividos desde nossa separação.

Nos demos as mãos e falei com a voz mais romântica que consegui: “Eu estava te esperando!”. E nos beijamos apaixonadamente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

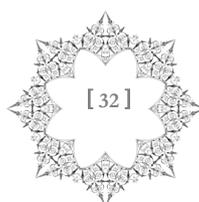
Me Perdoe

Por Luciana Simon de Paula Leite

Luciana Simon de Paula Leite é paulistana. Cursou a faculdade de Direito e integra a 30 anos os quadros da magistratura estadual em São Paulo, atuando como juíza titular em Vara de Família e Sucessões em Foro Regional da Capital. Em dezembro de 2021 publicou pela Editora Autografia o romance Para Nossas Meninas, o qual versa sobre o tema da violência doméstica e contém informações diversas inclusive de natureza jurídica para orientação das leitoras, em especial. Escreve acerca de um ano coluna mensal no jornal Magis a propósito do direito das mulheres.



Por todas as vezes que tentei, ainda que em vão,
te adivinhar presente, atrás de pares de olhos escuros.
Não quaisquer olhos, mas somente os inundados pelo breu,
o todo absoluto, com profundidade dissimulada que fingiam ser seus.
Apenas representavam um papel de ti, atores mambembes.
Mas afinal, tudo não passaria da eterna repetição do erro exclusivo?
Ou ainda, o equívoco vulgar, inato à essência?
Substância da minha humanidade, indissociável do momento.
Frases de efeito ou pantomimas, gestos outros, que não os anunciados.
Palavras balbuciadas ou porventura imaginadas, singelos ecos da voz
anciã, que ninguém quis ouvir, inconcebível ousadia!
Me perdoe por confundi-lo, por perscrutá-lo onde jamais poderia estar.
Mas talvez tenham sido as intempéries dos dias metamorfoseados,
meses partilhados entre guerra e paz, fastio e fome brutal,
riso descontrolado, lágrimas e gritos sufocados na noite.
A existência desenvolvida no automatismo da mesmice e da solidão,
não aquela que conforta, mas a que se agiganta pela presença alheia.
Apenas me perdoe por te enxergar onde jamais poderia se encontrar.
Na covardia e na exposição vaidosa da inteligência que sem sabedoria,
queda-se aviltada como a vestimenta perdida em um canto do armário.
Não, o amor nunca foi inútil, nem esteve em desuso.
Ele apenas não se compadece dos subterfúgios,
Aquilo que não preenche como um vaso de cristal sem água.
As flores não podem ser conservadas se ausente o líquido valioso,
salvação de toda vida, fluido dos céus, dos rios ou a que brota da terra.
Assim como o amor que não esquecemos jamais, o sentido real.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

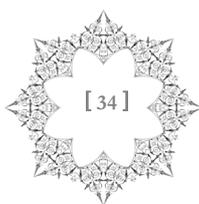
O Porvir

Por Luciana Simon de Paula Leite

Luciana Simon de Paula Leite é paulistana. Cursou a faculdade de Direito e integra a 30 anos os quadros da magistratura estadual em São Paulo, atuando como juíza titular em Vara de Família e Sucessões em Foro Regional da Capital. Em dezembro de 2021 publicou pela Editora Autografia o romance Para Nossas Meninas, o qual versa sobre o tema da violência doméstica e contém informações diversas inclusive de natureza jurídica para orientação das leitoras, em especial. Escreve acerca de um ano coluna mensal no jornal Magis a propósito do direito das mulheres.



Quando eu me apartar dele, desejo que seja em um sábado, à tardinha.
Com o sol se pondo, céu alaranjado, com manchas azuis e brancas,
quadro visto entalhado na janela de vidro do quarto do hospital.
Lá fora a amplidão da cidade com suas ruas, avenidas, becos, caos.
Desejo de liberdade do quarto do hospital, queria correr sem rumo, horas a fio.
Nesse estado de invisibilidade ficcional, estar descalça e solta,
como aquele pardal que acabou de deixar o repouso do galho,
árvore ressequida quase imperceptível, escultura estática.
Ao fim do passeio inusitado, voltar para junto dele, meu lar.
E me abandonar no conforto da sensação morna do toque de sua mão.
A energia se desvanecendo em meu corpo pela doença perversa,
vilã de novela, episódio angustiante e quase infundável,
nem mesmo isso me faz desejar o afastamento desse acalanto.
Então, fadada ao amor que me habita por inteiro,
como esse instante ou a enfermeira ao meu lado anotando algo,
empirismo que se impõe no caldo ralo e insosso a tragar,
quero apenas que meu afeto fortaleça a fé no porvir.
Ei de deixar seu toque suave e gentil à tardinha,
sábado com cores vibrantes no firmamento,
a partida será amena porque nosso amor não findará,
habitante invasor indomável em nossos corações.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Leito de Flores

Por Luxor Kron

Washington Luís Baldez (Luxor Kron) nasceu em Brasília (09/03) e tem 44 anos. Economista de formação, trabalha como servidor público federal. Casado há 18 anos, possui três filhos. Atualmente, dedica parte de seu tempo livre à composição de músicas e de poesias autorais, algumas publicadas em coletâneas, antologias de editoras e revistas especializadas (Versiprosa, Revistas Fluxos, Editora Persona, Revista Litera Livre, Editora Philia, EHS Edições, Revista Ecos da Palavra, Revista Conexão, entre outras). Além das canções e poemas, o autor busca sensibilizar seu público com registros fotográficos de paisagens naturais e com reflexões espiritualistas, no propósito de incentivar experiências existências mais ricas e autênticas, longe da superficialidade e mais próximas de nossa real essência humana, além do tempo e do espaço!

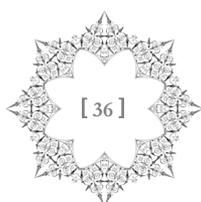


Algumas danças se demoram bem além de sua realidade!
Invadem a noite, resistem ao dia, inundam toda a vida...
Algumas lembranças duram algo menos que a eternidade.
Acabam logo de súbito, roubando no escuro o calor do dia.

Certas noites se perpetuam bem aquém de suas pretensões!
Precipitam sua aurora, nas trevas escondem a sua euforia...
Certos dias, de noite, de raiva, negam inteligíveis sensações.
Imitam uma alvorada já cansada dessa vida de alma partida.

Algumas flores fenecem para adornar belos sonhos.
Certas dores, frias, ferem fundo, como afiados espinhos...
Ambos, carícias e medos, se fundem, confundem, se amam!

Certas flores crescem e encantam tortuosos caminhos.
Algumas dores, agudas, ofuscam olhares de refinados brilhos.
Ambos, perfumes e prantos, em pleno infinito felizes ressoam!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Conto a Lua Minguante

Por M. Ambrosini

Matheus ama escrever livros e textos. Além de gostar de ler bons livros, principalmente infantojuvenis. Formado em licenciatura em História e pós-graduado em Antropologia cultural, embora ainda não trabalhe na área.

Escreve desde que aprendeu a pegar uma caneta, já tendo escrito alguns livros.

O conto a lua minguante aparece como uma inquietação sobre o que pensamos de nós mesmos na atualidade.



Lá em baixo as luzes da noite brilham nas festas e brincadeiras da selva de pedra que chamamos de lar.

Aqui em cima. A lua minguante me ilumina. A noite está quente.

Ontem inúmeras árvores me cercariam, tornando o ar mais fresco. Hoje só vejo árvores queimadas.

Ainda assim um bom lugar para se pensar, para escapar da correria insana que chamamos de vida.

Ao longe uma figura sombria se aproxima lentamente.

Senhor de mil andanças, calejado do tempo e da vida.

Por um momento, me perguntei se ele me faria algum mal.

Serei eu um monstro? Quero dizer, muitos gritam sobre preconceito, mas acredito que seja impossível, no meio da noite, sozinho no meio do nada, nem que seja por um segundo não pensar na possibilidade.

Ainda a meia distância, a figura aparentava sorrir e uma voz calma e tranquila viaja pela noite.

— Uma pena, não é? Tantas árvores mortas em tão pouco tempo. E para que? Progresso...

A figura parecia vislumbrar a cidade lá em baixo.

— Eles parecem felizes lá embaixo. Aqui em cima a mata chora. Lá embaixo também existiam inúmeras árvores...

Sua voz exibia tristeza e melancolia. Dava para sentir a nostalgia daquela frase. Mas eu era obrigado a concordar com ele. Progresso? Dinheiro?

Dessa vez me perdi alguns segundos observando as árvores mortas a minha volta. Destruímos o planeta e a nós mesmos por um mísero pedaço de papel. A desculpa se chama progresso? Será que um dia essas árvores serão vingadas?

A voz do senhor me tirou de meu devaneio.

— Mas você entende, não é? Afinal você vem aqui inúmeras vezes.

Minha atenção voltou para a figura sombria que continuava a encarar a cidade sem prestar atenção em mim. Talvez eu devesse me assustar com aquele comentário? Mas por algum motivo acabei sorrindo.

— Entendo, ontem aquelas árvores clareavam a minha mente, hoje elas já não clareiam mais nada.

Por um segundo achei ter notado seu sorriso. Ele então ergueu seu olhar para o céu. Eu o segui quase que hipnotizado.

A lua minguante continuava lá. Agora alguns pássaros sobrevoavam nossas cabeças. Eu podia ouvir o seu canto. O vento soprava levemente.

— Consegue ouvi-los? A natureza é incrível e bela, ela é perfeita. Tudo funciona exatamente como tem que funcionar. Sabe garoto eu ainda lembro quando podia ouvi-la sem o barulho da vida.

O barulho da vida? Aquela frase era interessante. Eu não havia notado, porém junto do belo som dos pássaros, dava para ouvir ao fundo o tumultuado som da cidade. Acredito que nós acabamos por nos acostumar com ele, a tal ponto que não mais notamos o quanto ele pode ser prejudicial.

Como que lendo meus pensamentos o velho continuou

— Nunca me acostumo com esse ruído. Mas me diga garoto o que não está funcionando perfeitamente na sua vida?

Dessa vez nossos olhares se encontraram. Ele exibia em seus olhos castanhos claros um olhar cansado e triste. Mas sorria para mim, um sorriso terno e afetuoso. Eu me senti envergonhado com a pergunta.

— Não sei, talvez a vida em si.

Ele sorriu com a minha resposta e voltou a olhar para a lua.

— A vida em si? Resposta muito interessante essa. Mas me diga o que está errado nela.

Eu pisquei um pouco com o pensamento e olhei na direção dos pássaros que pareciam voar mais próximos. De repente tive uma sensação estranha que eles estavam sobrevoando o velho. Que tudo ali girava em torno daquele senhor.

Novamente me perguntei se não deveria me afastar. Mas novamente me senti calmo. Estranhamente eu queria responde-lo.

— Eu não sei lhe responder essa pergunta. Aqui é o mais próximo que eu consigo chegar de um lugar calmo, aqui entre as árvores...

Consegui notar outro sorriso, embora ele não tenha me encarado. Fez um gesto com o braço e estranhamente um dos pássaros pousou.

— Mas me pergunto. Porque a nossa vida não pode ser perfeita como a desses animais?

— Não existe uma resposta para essa pergunta. Nós complicamos?

Eu dei de ombros.

— Talvez nós sejamos naturalmente errados, imperfeitos. Estamos sempre insatisfeitos com aquilo que temos, com aquilo que construímos. Na verdade, não sabemos bem o que queremos, o que esperamos.

Dessa vez o velho riu.

Eu o encarei. Ele não zombava de mim. Continuava brincando com o pássaro. Os outros estavam nitidamente mais próximos. Agora as árvores mortas pareciam mais barulhentas e o vento parecia soprar mais forte. A noite estava adentrando nas suas trevas mais profundas. Mas parecia que tudo havia acordado de uma hora para a outra.

— Será que não sabemos mesmo?

Ele me olhou. Seu olhar agora era sorridente. A tristeza havia desaparecido. Esse era o efeito das arvores, da mata? Era por isso que eu subia até ali?

— O que você acha?

Ele fez um gesto para que o pássaro voltasse a voar. O pássaro foi em direção ao bando que voava próximo.

— Parece que choverá...

Eu olhei para o céu. Não sei como ele podia dizer aquilo. Parecia não haver nuvens. Depois de alguns segundos ele continuou.

— Acho que você sabe muito bem o que quer. Sabe garoto nós somos muito bons em mentir para nós mesmos. E também em pensar coisas erradas ao nosso próprio respeito.

Os pássaros começavam a se afastar e como por magia uma garoa fina começava a cair. Ela quase não molhava. Eu então me ergui e ficamos os dois, lado a lado olhando para a lua que iluminava a noite.

— O que você quer?

Ele demorou um pouco para responder.

— Sou velho, quero aproveitar meus últimos momentos fazendo o que amo e próximo daquilo que amo.

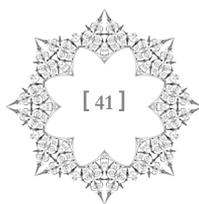
Não olhei para ele, mas posso jurar que ele meneou a cabeça na direção das árvores. Também ouvi seus passos se afastar.

— Até breve garoto. Volte para sua família e cuide dela. Eles precisam de você. Assim como você precisa deles. Acho que você já sabe o que precisa fazer.

A voz cessou atrás de mim, junto com o canto dos pássaros. Ficou somente o barulho do vento. Eu olhei para trás. A figura já havia desaparecido.

Ele estava certo? Mentir para nós mesmos é fácil e prático. Quase uma regra em um mundo como o nosso. Mas, é correto?

O que é preciso para minha vida funcionar perfeitamente como deve ser? Procuramos a resposta no lugar errado. Deixamos os outros responder por nós. Utilizamos respostas previamente escritas em algum lugar. Fazer isso é muito fácil, mas talvez nos desvie do caminho. E a resposta sempre estará no caminho.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

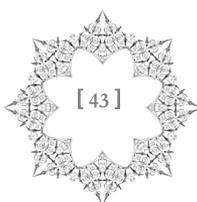
Nem príncipe nem herói

Por Marta Magnusson Solyszko

Formada em Ciências Sociais pela PUC Campinas em 1972, especialista em direitos humanos e em literatura ibero americana pela UFMT, aposentada e ainda trabalhando na área da educação, escreve por gosto, prazer e talvez para exorcizar fantasmas.



Você não é o príncipe
Que me acordou
Não me salvou da torre
Não chegou num cavalo branco
Sequer me tirou de um jejum de beijos
Não me arrastou pelos cabelos
Não me deu um anel de ouro
Nem uma pedra falsa
Ou um sonho de valsa
Tampouco um corte de cetim
Só me fez todas as vontades
Disse meias verdades
Quase à meia luz
Sem sapatinho de cristal
Sem carruagem, nem abóbora
Sem herança, nem vintém
bem devagarinho
mais ou menos de mansinho
sem pedir licença ou perdão
se abancou feito um posseiro
dentro do meu coração





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

De Amor Também se Morre

Por Marta Magnusson Solyszko

Formada em Ciências Sociais pela PUC Campinas em 1972, especialista em direitos humanos e em literatura ibero americana pela UFMT, aposentada e ainda trabalhando na área da educação, escreve por gosto, prazer e talvez para exorcizar fantasmas.



Namoravam há dois anos e o passo seguinte era o casamento.

Ela o amava com paixão e ele correspondia. Ela era pobre de marré marré e ele de família da alta sociedade local, que nem era tão alta assim. Além disso ela tossia sem parar e sua respiração era como de um gatinho, sempre chiando, melhor, ronronando. Diziam que era bronquite, mas havia quem duvidasse. Quando ela estava feliz não tossia e o peito não chiava. Respirava tranquila nos braços dele em tempos de troca de abraços, conversas lentas e carícias mais ousadas. O tempo corria manso e a família dela temia pelo que chamavam de desdita, o mal que ele podia fazer prá ela, pelas muitas horas que passavam sozinhos à noite, debaixo do caramanchão de maracujá, enxergados somente pelo Tuim, que rondava por ali a cata de um osso antigo. Bom apressar esse casamento antes que aconteça o pior, dizia a mãe. E o pior, que prá eles era o melhor já tinha acontecido, no escuro, tendo como plateia o Tuim e como cortina os galhos verdes enfeitados do roxo das flores de maracujá. Vai daí que a família dele, como era de se esperar, começou a implicar. Vai se casar com uma moça, nem tão moça assim, doente. Como vai ser? Essa gente não tem posses pra uma festa de casamento ornando, de acordo, com a nossa linhagem, que diga-se nem era tão linhagem. E depois? Quem vai cuidar das crianças enquanto ela tosse? E o almoço, e o jantar? E ainda poderiam vir meninos doentes que já chegariam ao mundo tossindo e ronronando como gatinhos. E as festas de família com o prefeito, o delegado, que vergonha essa menina que de bela nada tinha e ainda tossia sem parar. Tanto falaram, tanto fizeram, tanto embustaram que ele desmanchou tudo. Melhor acabar com isso, não podia ir contra o pai que tudo determinava, à mãe que tudo obedecia, à avó que nunca foi feliz, à tia que nunca se casou, à irmã que esperava um príncipe chegando num cavalo branco prá resgatá-la da torre e o irmão que sonhava em ser prefeito. Não, era gente demais torcendo contra, não podia dar certo. E colocar um fim nas horas mais do que insanas e sem tédio, docemente repetidas e assistidas pelo Tuim e acobertados por flores e folhas de maracujá, e desistir dos planos e sonhos era o certo a fazer agora e não quando já não tivesse mais remédio porque ligados prá sempre pelos laços indissolúveis do matrimônio, porque como dizia a avó, casar é prá sempre. Então foi lá e o tudo acabado entre nós queimou como fogueira de São João não só na sua alma e coração mas nos seus pulmões que prá não se afogar nas lágrimas que vieram primeiro em fios de água, depois em riachos e por fim em ondas de ressaca, precisou tossir, tossir e tossir. Ela se negou a tomar os remédios, não quis

mais fazer as simpatias, não aceitou as benzeduras. Ela só queria tossir porque isso doía e era uma dor menor que a de se saber enjeitada e rejeitada, deixada de lado e pra sempre e sozinha com seus sonhos, seus planos, seus braços sem abraços e seu ronronar de gatinho. Seus olhos foram perdendo o brilho, sua voz sumindo como sumiram as flores do caramanchão de maracujá. Só o Tuim andava por lá agora a cata do seu osso perdido. Como não dava mais flores e assim também não haveria mais maracujás a mãe mandou cortar o caramanchão e enquanto limpava ia encontrando ossos antigos, esqueletos de invisíveis abraços, carícias proibidas, beijos lascivos e pedaços de sonhos perdidos nos buracos cavados pelo Tuim pra esconder seus ossos velhos, velhos demais prá serem roídos agora.

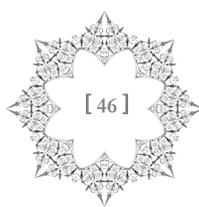
Logo depois de cortado o caramanchão ela ficou sabendo que ele ia se casar com outra. Uma menina linda, da quase alta sociedade local e que não tossia e nem tinha um peito que ronronava como gatinho.

No dia do casamento contaram a ela que quando ele disse sim ao padre e diante da meia alta sociedade local as lágrimas lhe corriam pela cara e foi preciso o lenço da obediente mãe para secar sua barba e os olhos prá que não se perdesse na fotografia a insistente felicidade que a família arranjou prá ele.

Então ela começou a tossir e seu peito ronronou mais forte. Não houve chá, reza, magia ou xarope que acalmasse a tosse. Veio o farmacêutico, o médico, o padre, a benzedeira e o pastor.

Tossiu por dois dias inteiros, escarrando dores e cuspiendo mágoas. Enquanto tossia a vida se lhe escapava por entre arquejos e um ronronar de tigre.

Ao final do terceiro dia parou de tossir e estranhamento seu peito também não ronronava mais. Fechou os olhos sem brilho e lá fora no lugar do caramanchão onde havia sobrado um pequeno galho num buraco cavado pelo Tuim, nasceu um botão de uma belíssima flor roxa de maracujá.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Lágrimas da chuva

Por Rosamares da Maia

Rosamares da Maia, escreve Contos, Crônicas, Blog Poemas de Amor /Lusofonia Poética, Antologias na Ed. Scortecci e na Ed. Andross. Finalista no Prêmio Strix-anos 2020/21/22. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores, Haicais à Brasileira e Tempo de Contradições, Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR / Ed. Autografia: Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Certificada pela Revista Conexão Literatura, por participar de antologias. Coletâneas Selo OF FLIP, anos 2020/21/22.



Vou esperar a tempestade cair,
O céu converter-se em torrente,
Caudalosa e incessante chuva.
Vou aguardar a fúria das marés.

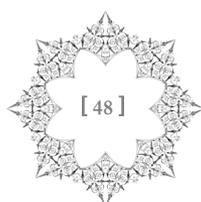
Esperarei o vento vir, soprar forte,
Uivarei como o lobo cinza solitário,
Fazendo ecoar um lamento de dor.
Então, andarei só, descalço na chuva.

Mansamente deixarei cair o pranto,
Sem que possam ver as lágrimas,
Sem que ouçam os meus soluços,
Abafados no troar da tempestade.

Não conhecerão a minha solidão.
Nem ouvirão meus gritos na noite,
Uivando com o coração quebrado.
Minha história passará com o vento.

O pranto se dissipará com a chuva,
Irá embora em um ou dois dias.
Terei a minha chance de transbordar.
Deixar-me caminhar solta na chuva.

E depois, evaporei num dia de sol.
Ninguém saberá que estou chorando.
Deixe-me transbordar... e evapora...
....Ninguém precisa saber...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

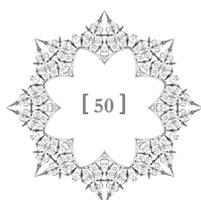
Caxinguelê

Por Rosamares da Maia

Rosamares da Maia, escreve Contos, Crônicas, Blog Poemas de Amor /Lusofonia Poética, Antologias na Ed. Scortecci e na Ed. Andross. Finalista no Prêmio Strix-anos 2020/21/22. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores, Haicais à Brasileira e Tempo de Contradições, Contos: Não Sei se Devo, Mas Vou CONTAR / Ed. Autografia: Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Certificada pela Revista Conexão Literatura, por participar de antologias. Coletâneas Selo OF FLIP, anos 2020/21/22.



“Vem vento Caxinguelê...
Cachorro do mato vai me morder”.
Vem vento que eu vim pra te ver
Vem vento, cadê você...?
Vem vento, meu bem querer,
Balança os cabelos na dança de roda,
A menina não é mais criança!
O corrupio do tempo levou a inocência,
Vem vento, não mata a esperança.
Vento Caxinguelê,... Vento cadê você?
Levanta as saias, descobre as pernas.
Vem vento,... Vento Caxinguelê
Põe as pipas no alto para o sol saber.
Vem arrepio de vento, vem calafrio,
O beijo foi roubado - Pêra, uva ou maçã?
Vento Caxinguelê ...
Cachorro do mato me fez crescer.
Tem cheiro de pingos de chuva,
Lágrimas secas de menina-mulher
Cachorro do mato tem saudade do tempo.
Vai vento que me faz sofrer.
Caxinguelê quebrou o brinquedo,
Não tem gosto da pêra, uva ou maçã,
Vai vento que me faz sofrer,
Dureza da vida, Caxinguelê da tristeza,
Tufão que arrastou a esperança,
Vai ... Vento Caxinguelê...
Cachorro do mato veio me morder.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Mais Uma Vez

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

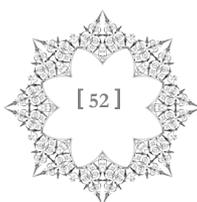


E esta data a ecoar
a cada ano, reclamada
por quem de direito possa,
por quem de fato, recorda.

Sendo puxado da memória,
com calendários a ajudar,
chega então do mês o dia
e o sabor da hora bordada.

Vale pela afeição, a espera.
Pulsa a chegada, pela saudade...
Emoção que a mente e o peito,
de estrelas-cadentes, preenche.

E a unvida lembrança,
no momento, sublimada...
O inspirador processo
e a satisfação consagrada.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

No Teu Dia

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Neste teu dia, não consigo a ti desejar
mais do que o trivial.

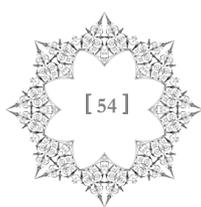
Não é que eu esteja particularmente
deprimida, triste ou pessimista.

Não é que eu ache que tu não mereces
mais do que "o lugar comum".

É que hoje, amanheci com uma horrorosa
neutralidade - daquelas que "pegam".

E não me deixa escolhas, senão a ti
transferir tal responsabilidade...

Então, meu querido amigo,
que os teus maiores desejos, sejam realizados!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Nossa História

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



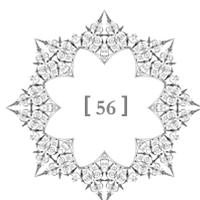
Povo, povo... (e eu inclusa)!

A nossa real história,
nos esquecidos cantos
do transato, olvidada,
quando a ser resgatada?

E o glorioso passado
da memória faltante
à luz do presente, trazer?
E penosos sofrimentos,
reminiscência abolida,
dignamente, expiar?

Dos que antes de nós,
nos diversos veios
da remota origem,
que aqui, confluíram
e se mesclaram,
pelo menos, entender.

De quanto lampejo
cinzelado este povo!
Relevante lisura
numa ainda dormente
e gloriosa ascensão
a ser consagrada... quiçá!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Pensar e Repensar

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



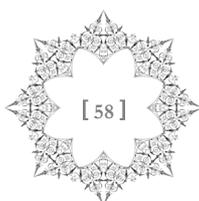
Lá vai a minha mente...
Liberador pensamento!
E se não fosse assim,
que prazer a vida teria?

Sem liberdade, uniforme
e controlado, o que eu faria?
Só sobreviver? Sem cor...
Autômato ou escravo seria.

Às teses "inspiradoras"
ou de vanguarda, recorrer para quê?
Pródigos educadores, o respeito
a experiência e a observação!

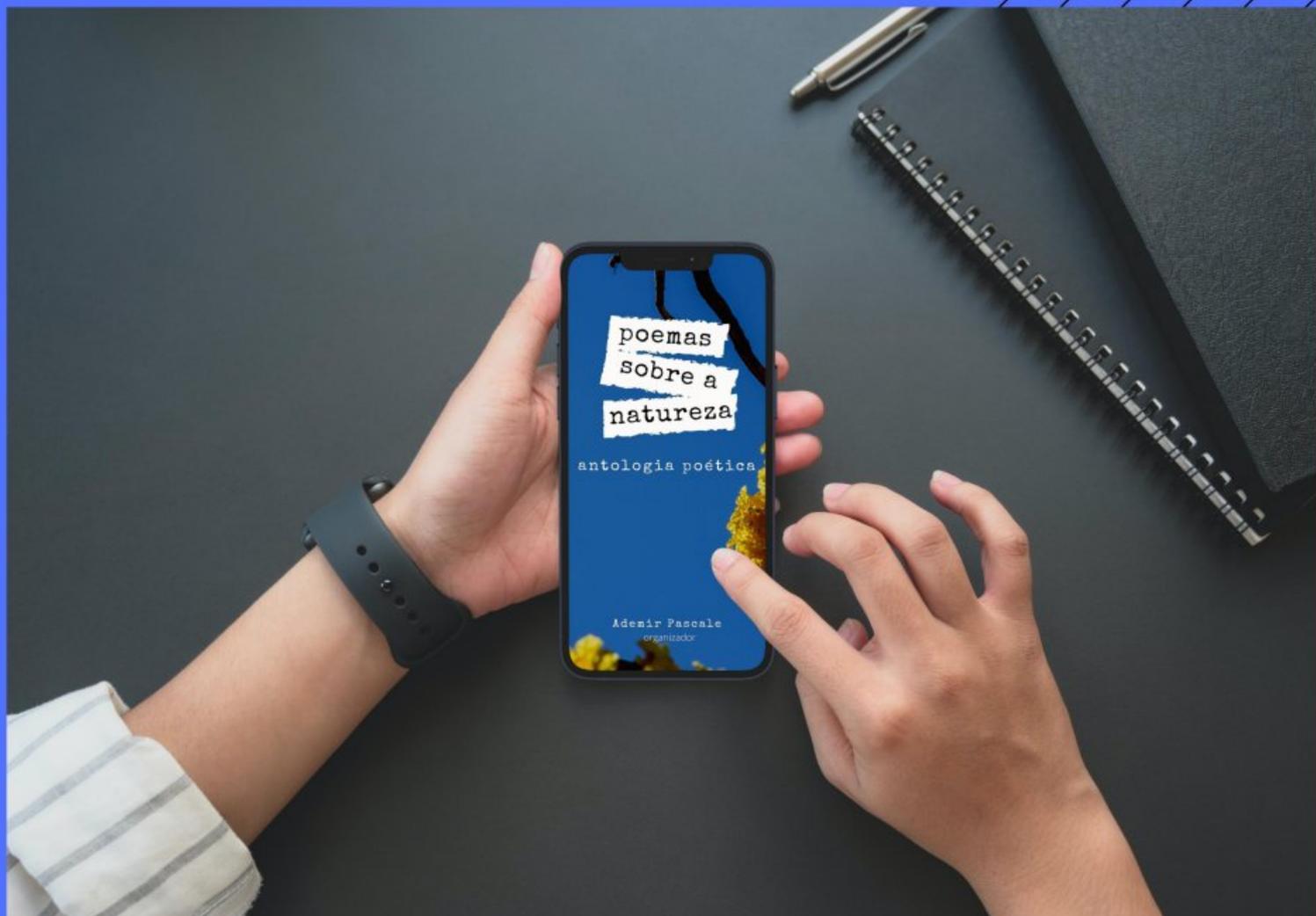
E da evolução inúmeras
providenciais conclusões, extraídas:
experimentos somos todos.
Individuais tons – é preciso razão?

Na árvore-mãe... em ramificações
primos e irmãos e toda a sorte
de genes... vinculados.
Há flores, há sementes, há espinhos.
E o solo para todos, germinador.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**